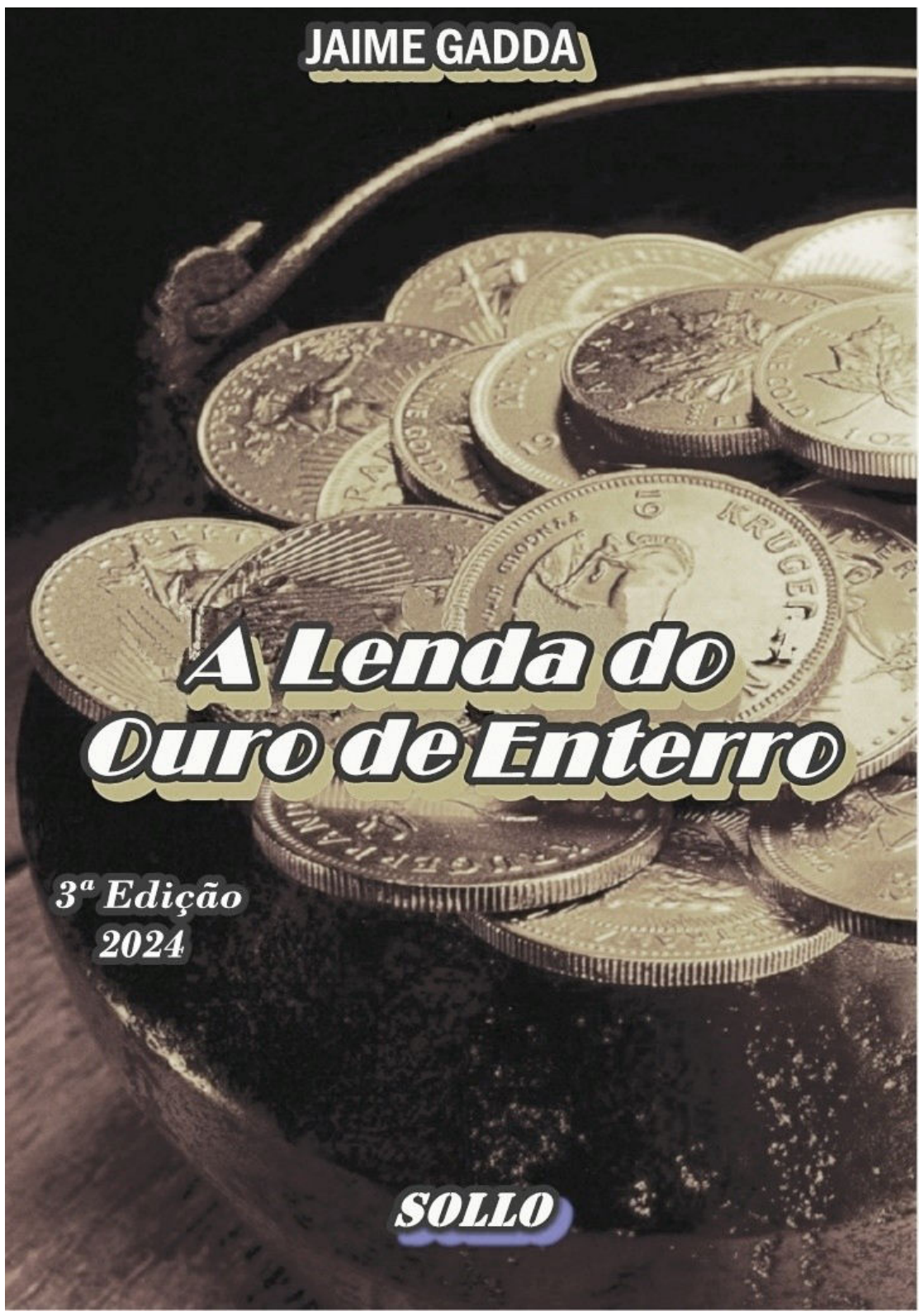
JAIME GADDA



A Lenda do Ouro de Enterro

3ª Edição
2024

SOLLO

JAIME GADDA

A LENDA DO OURO DE ENTERRO

3ª EDIÇÃO 2024

Ponta Porã-MS Brasil

Copyright © by **Ramão Jaime Torres Gada**
Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

Coordenação Editorial
Jaime Gadda

Projeto Gráfico Diagramação
Sollo Produções Independentes

Assistente de coordenação
Carlos Gadda

Revisão
Jaime Gadda

Impressão e acabamento
Agbook/Clube dos Aurores

Capa
Jaime Gadda

Sollo
Produções Independentes
Ponta Porã – Mato Grosso do Sul
CEP: 79.901-970 – Itamarati
Fones: (67) 999502617
ramao.gada@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G123o Gada, Ramão Jaime Torres
A Lenda do Ouro de Enterro – 104 páginas
Jaime Gadda. 01ª Edição – Ponta Porã MS.
Esta obra é uma produção independente
Todos os direitos desta publicação reservados ao autor.
ISBN 978-65-00-89352-6

Índice para catálogos sistemáticos

1. Romance 2. Fronteira – Brasil CDD – 869.3
2. Literatura Brasileira CDD – B869.34

Proibida a reprodução total ou parcial, sejam quais forem os meios ou sistemas,

sem a prévia autorização do autor

Dedico esta 3ª edição de A Lenda do Ouro de Enterro (anteriormente O Ouro de Solano López) a Renato Pereira de Bulhões do Rio de Janeiro. Uma pessoa muito especial que tive a honra de conhecer ainda pelo antigo ORKUT que, assim como eu, está preocupado com o destino final da humanidade.

E a todos vocês que a muito tempo vem aguardando ansiosamente por uma nova edição deste livro, e não deixaram apagar a chama de nosso candelabro e assim, continuarmos a escrever mais histórias incríveis e horripilantes como essa e muitas outras!

SUMÁRIO

Prólogo 7

Capítulo I
Uma marcha pelos trilhos 11

Capítulo II
O retrato do mal 25

Capítulo III
Vozes do além 42

Capítulo IV
A cantiga macabra! 55

Capítulo V
O círculo se fecha! 70

Capítulo VI
O ouro de enterro…..……...……..84

Capítulo VII
Noite trágica! 96



PRÓLOGO

Nuvens negras pairavam no céu daquela cidade fronteiriça, quando uma sequência de disparos rompia o silêncio, nas proximidades da velha estação ferroviária. Um corpo tombava no solo gélido e frio no imenso terreno baldio da extinta R.F.F.S.A[1]. Ao lado, uma potente motocicleta permanece ligada no chão, serpenteando a vegetação.

Surpreendentemente o homem se levanta, saca uma pistola nove milímetros e revida, atirando contra três vultos que se aproximavam. Por pouco não atinge um dos agressores que se vê obrigado a jogar-se no chão.

Com o tempo ganho no pequeno tiroteio, imediatamente foge para um matagal próximo e sem perda de tempo efetua mais três disparos contra os agressores. Estes rapidamente se dividem e formam um semicírculo, dificultando sua linha de tiro.

Estava ferido nos ombros, o que impossibilitava uma reação mais eficaz. Um trabalho para "fechar o corpo" conduzido por um curandeiro da região aumentava sua confiança. "Estaria morto agora se não fosse o ritual" pensava erroneamente o infeliz.

Porém, teria que cruzar os trilhos e chegar ao prédio da antiga delegacia de polícia. Tivera muito sucesso até o momento contra seus agressores que continuavam o cerco — dessa vez com mais prudência — sem diminuir o ritmo da emboscada.

Confiante no sucesso da fuga, ele não percebe um quarto elemento que se deslocava rapidamente da estação ferroviária. Um

1 Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.

novo disparo é efetuado, e desta vez certeiro, ceifando suas esperanças de chegar ao destino. Havia mais alguém dando cobertura aos assaltantes, que não teve dificuldades em interceptá-lo.

Sem forças para levantar, devido ao impacto dos tiros, o infeliz arrasta-se até os trilhos com muita dificuldade. Os projéteis destroçaram o joelho e parte da coxa; fora surpreendido pelo flanco esquerdo. A sorte parecia mudar de lado naquele momento.

Dor e medo definhavam em sua mente. Apesar de gritar por ajuda intensamente, ninguém queria socorrê-lo. A má fama do local afastava qualquer possibilidade, visto que era um reduto de viciados e marginais.

Os três vultos se aproximam do homem ferido. O atirador, que o abatera permanece a certa distância. Chegava ao fim a sua confiança e, provavelmente a corrida pela vida. Sem sombra de dúvidas, já sabia qual seria a resposta dos facínoras à sua tentativa de fuga.

Mesmo com a vida a ceifar-se, recorda-se do sorriso da misteriosa moça que o guiara por aquele trágico caminho. Como recompensa por ter reparado sua moto, pediu para guiá-la até a sua casa que ficava além do terreno baldio.

— Ainda bem que você passou por aqui. Moro ali na vila Áurea e meus pais devem estar me esperando há horas. Fui visitar uma prima no Paraguai e o tempo voou; não sou de sair de casa e quando saio acontece essas coisas. E além do mais, estou com medo deste lugar; não se vê alma alguma por aqui.

— Não se preocupe menina; está em boas mãos agora. Duvido que alguém ouse se meter comigo. Entendo muito de moto e já sei qual é o problema logo de cara.

A exuberante menina o hipnotizara com seu olhar penetrante. Havia algo de insano naqueles olhos que era disfarçado por um sorriso encantador. seu instinto marginal ascendeu naquele momento e pedia para que abusasse dela, aparentemente frágil e

desprotegida. Minutos depois, o problema é sanado rapidamente e a moto já está funcionando.

— Venha comigo agora. A munha mãe adoraria te conhecer, já que me fez um grande favor consertando a minha moto.

— Não posso menina. Estou atrasado — porém, a enigmática moça o insiste.

— Sei reconhecer quem me ajuda. Ainda mais um rapaz tão destemido como você, tão bonito e prestativo. Não me faça essa desfeita, por favor; não quero cruzar a estação sozinha novamente.

Aquelas palavras mexeram com ele. Talvez fosse mais fácil conquistá-la do que imaginava

Decidido, muda de ideia e resolve atender a estranha moça.

— Eu vou então. É difícil recusar um convite desses.

— Ótimo! Siga-me que te levarei para minha casa agora.

Aquela escura rota, pela qual seguiu a estranha garota, não estava programado em seu itinerário. Havia algo estranho na mulher que desapareceu pouco antes de ser atacado pelos delinquentes. Era uma cilada! Tarde demais.

Ciente do cruel destino, o homem clama por socorro novamente, mas os gritos se perdem na fatídica madrugada. Lembra da única pessoa que foi sincera em sua vida: sua falecida mãe.

— Escuta o que a mãe está te falando filho. Não se envolva com esses malandros. Fica em casa eu te imploro.

— São meus amigos mãe, eu já disse.

— Eles não são seus amigos de verdade. Querem você para o crime e nada mais; mais um para arriscar a vida por eles.

— Chega mãe! Estou cansado de só ralar, ralar e ralar. Quero fazer a minha vida e sair dessa pobreza. Amanhã saio de casa como havia prometido antes

— O quem vem fácil vai fácil, inclusive a vida da gente. Lembre-se disso, lembre-se disso…

Os três facínoras contornam o homem agonizante. Num último movimento, debruça-se nos dormentes do trilho. Pede por clemência novamente; palavra que nunca foi de seu vocabulário. Suas vítimas pediam a mesma coisa. Por que seus executores deveriam ter?

O papel estava invertido agora; eles não terão um mínimo de piedade. Conhecia muito bem o enredo. Apenas um detalhe ainda parecia ser ignorado. Não seria torturado? Não teriam tempo suficiente para o ato macabro?

Armas em punho. Medo! Muito medo!

— Não me matem, por favor! Eu posso pagar o que vocês quiserem. Tenho muito dinheiro na minha carteira. É de vocês agora e tenho mais, bem mais. Digam quanto querem e eu…

— Cala boca Mané! Você já era otário. Sua grana não vai te livrar dessa. Essa aqui é a saideira.

Sabendo que não lhe restava mais esperanças o homem ferido blasfema contra seu provável executor.

— Seu ladrãozinho maldito! Terei minha vingança, pode ter certeza! Pode me matar agora, mas o caminho de vocês estará traçado seus…

Dor! Balas rasgam suas mãos; frágeis e inúteis escudos do desespero. Tiros ecoam na escuridão quebrando mais uma vez o silêncio. Um filete de sangue corre rapidamente pelo aço do trilho. Não muito distante, a vizinhança trocava o conforto de suas camas para se abrigarem no chão.

O homem cortado por uma peculiar cicatriz no queixo engatilha o revólver mais uma vez. Seus olhos destoavam um prazer incomum. O punho esquerdo, grifado com a tétrica tatuagem de uma caveira, contraía-se mais uma vez. O golpe de misericórdia era deflagrado no corpo já sem vida. Fim da dor. Fim do medo.